

Pereira Beja, Maria João

ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA

International Journal of Developmental and Educational Psychology, vol. 2, núm. 1, 2010, pp. 733-742

Asociación Nacional de Psicología Evolutiva y Educativa de la Infancia, Adolescencia y Mayores
Badajoz, España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349832325076>



*International Journal of Developmental and
Educational Psychology,*

ISSN (Versão impressa): 0214-9877

fvicente@unex.es

Asociación Nacional de Psicología Evolutiva y
Educativa de la Infancia, Adolescencia y Mayores
Espanña



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA

Maria João Pereira Beja

Universidade da Madeira

Professora Auxiliar

Universidade da Madeira

Centro de Competências de Artes e Humanidades

Campus da Penteadá

9000-390 FUNCHAL, PORTUGAL

Telefone: +351966171812

Correio electrónico: mjoao@uma.pt

RESUMO

A adolescência tem sido uma das fases do ciclo de vida que mais preocupações e inquietações têm suscitado nos pais, nos professores, nos técnicos de saúde mental e até nos próprios adolescentes. Contudo, na maior parte das vezes a compreensão e a intervenção na adolescência são feitos apenas de uma perspectiva do desenvolvimento individual.

Com este trabalho pretende-se reflectir sobre a importância de ler a adolescência do ponto de vista familiar e sistémico, que não substituindo a compreensão do processo de desenvolvimento individual, vem contudo enriquecê-la e contextualizá-la na trama das relações humanas em que acontece.

De modo a concretizar o objectivo desta reflexão apresenta-se num primeiro momento uma síntese da perspectiva sistémica enquanto paradigma de compreensão da família e do sujeito e uma definição sistémica de família. Num segundo momento procura-se uma leitura sistémica do ciclo de vida familiar e mais concretamente da fase da família com filhos adolescentes.

Palavras-chave: sistémica, família, adolescência, ciclo vital, desenvolvimento

ABSTRACT

Adolescence has been one of the stages of life that most concerns have raised among parents, teachers, technicians and even adolescents themselves. However to understand and explain adolescence one uses mainly the perspective of individual development.

This work aims to reflect on the importance of comprehending adolescence from a systemic and family point of view, not replacing the understanding of the process of individual development, but to enrich it and contextualize it in the web of human relations.



ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA

To achieve our aim we first present an overview of the systemic approach, as a paradigm for understanding the family and the individual, and also a systemic definition of family. Secondly we define family life cycle and review in more detail the stage of the family with teenagers.

Key-words: systemic approach, family, adolescence, life cycle, development

INTRODUÇÃO

Neste trabalho procura-se sublinhar a importância de uma leitura da adolescência do ponto de vista familiar e sistémico, que não substituindo a compreensão do processo de desenvolvimento individual, vem contudo enriquecê-la e contextualizá-la na trama das relações humanas em que acontece.

De forma geral, os currículos e programas do ensino superior que visam especificamente a compreensão da adolescência (quer nos cursos de psicologia quer nos cursos de formação de professores) insistem numa perspectiva individual do sujeito no seu percurso de desenvolvimento. Nesses currículos nem sempre surge um tempo e um espaço lectivo em que se promova uma compreensão e leitura sistémica da família, e assim corre-se o risco de uma leitura linear da adolescência como “causa” e/ou “consequência” do funcionamento das famílias. Sem se apelar a uma perspectiva sistémica que situe os fenómenos individuais nos contextos relacionais, indivíduos e famílias surgem como realidades apartadas e paralelas. E, no fundo, todo o desenvolvimento só é possível na relação e pela relação.

Na prática, os profissionais sentem-se muitas vezes “entalados” entre os adolescentes e as famílias, como se uma só história ou versão fosse possível e plausível. Assim, muitas vezes “a culpa é daquela família ou daqueles pais” ou “coitados dos pais com aquele adolescente”, num discurso que dificilmente oferece saídas saudáveis para todos. Mais do que escolhermos nós uma história, é possível perceber que juntos, adolescentes e famílias podem construir uma história comum que viabilize o percurso e o desenvolvimento de todos e de cada um.

De modo a concretizar o objectivo desta reflexão apresenta-se num primeiro momento uma síntese da perspectiva sistémica enquanto paradigma de compreensão da família e do sujeito e uma definição sistémica de família. Num segundo momento procura-se uma leitura sistémica do ciclo de vida familiar e mais concretamente da fase da família com filhos adolescentes.

A ABORDAGEM SISTÉMICA

Seguindo o rumo da mudança de paradigma a que se assiste no que concerne ao conhecimento científico, a abordagem sistémica contrapõe-se a uma abordagem analítica, herdeira do positivismo, que privilegia uma lógica causalista e linear (Morin, 1994; Santos, 1993; Yatchinovsky, 2000).

De acordo com Rosnay (1995), esta abordagem é simbolizada pelo macroscópio (*macro* = grande e *skopein* = observar), instrumento simbólico composto por “um conjunto de métodos e de técnicas extraídos de disciplinas muito diversas” (p.13) que permite abarcar o infinitamente complexo, tal como o microscópio permite abordar o infinitamente pequeno e o telescópio permite abordar o infinitamente longe. Assim, a perspectiva sistémica consiste numa abordagem global dos indivíduos e dos problemas a partir do jogo de interações que se estabelecem nos sistemas a que pertencem (Rosnay, 1995; Yatchinovsky, 2000).

O conhecimento científico durante muito tempo teve por missão dissipar a aparente complexidade dos fenómenos a fim de revelar a ordem simples a que obedeciam (Morin, 1990). A abordagem sistémica insere-se numa reforma do pensamento que conduz a um conhecimento pertinente



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

que percebe e concebe o contexto, o global, o multidimensional e o complexo (Morin, 1999, 2002). Como refere Morin (2002), “a era planetária necessita situar tudo no contexto e no complexo planetário” (p.39).

No seguimento de todo um movimento epistemológico e científico em diferentes campos e áreas do saber, o objecto de estudo, em especial nas ciências sociais e humanas, desloca-se do indivíduo para as relações entre ele e o meio em que se integra. Em especial na psicologia, o desenvolvimento e a evolução da abordagem e do pensamento sistémico no contexto da interacção humana surgem profundamente interligados com o próprio desenvolvimento da terapia familiar sistémica.

Apesar da noção de sistema e da teoria geral dos sistemas terem surgido de uma crise do modelo mecanicista, a perspectiva sistémica foi ela própria sujeita posteriormente a uma evolução conceptual, pois a epistemologia sistémica inicialmente proposta era ainda simplificadora e muito influenciada pelo modelo mecanicista (Alarcão, 2000; Benoit et al., 1988; Costa, 1994; Gameiro, 1994; Onnis, 1991; Relvas, 2000, 2002b, 2003).

Onnis (1991) salienta dois aspectos importantes nesta revisão epistemológica: em primeiro lugar, a passagem de um modelo homeostático a um modelo evolutivo — o reconhecimento e a valorização das potencialidades evolutivas dos sistemas; em segundo lugar, e a nível terapêutico, a passagem de um modelo de sistemas observados a um modelo de sistemas observantes — a impossibilidade de manter uma distinção rígida entre o terapeuta e o sistema a tratar, tendo em conta que “a partir do momento em que interagem, observador e observado só podem ser ‘observadores recíprocos’ e construir por consequência um sistema terapêutico ‘auto-observante” (p. 102).

DEFINIÇÃO SISTÉMICA DE FAMÍLIA

A perspectiva sistémica constitui um instrumento conceptual que permite compreender a especificidade da família enquanto grupo e a complexidade relacional que a caracteriza, através de uma lógica circular que evita a descrição e a leitura da família com base numa sucessão estéril e infinda de causas e efeitos.

A partir dos conceitos fundamentais da perspectiva sistémica podemos definir família como um sistema auto-organizado, social e aberto. Mais concretamente, uma família constitui um grupo de indivíduos que para além dos laços legais ou biológicos “desenvolvem entre si, de forma sistemática e organizada, interacções particulares que lhe conferem individualidade grupal e autonomia (Relvas, 2000, p. 24). No fundo, a família caracteriza-se fundamentalmente pelas pessoas que dela fazem parte e pela complexa rede de relações que se estabelece entre elas.

Mas, para além dos vínculos e das interacções, as famílias definem-se pela forma como dão significado às relações interpessoais (Alberto, 2005; Fuster & Ochoa, 2000; Relvas, 2002a). Assim, através das interacções que desenvolvem, as famílias constroem histórias e narrativas sobre si que organizam e dão sentido às suas experiências (Nichols & Schwartz, 2006). A família é, no fundo, uma construção social elaborada a partir dos significados que lhe atribuem os seus elementos e que são co-construídos através do discurso, ao longo do tempo e num determinado contexto. Como afirma Relvas (2002a), a família é uma produção do discurso familiar que, simultaneamente, constrói” (p. 310).

Uma maneira de compreender e analisar sistemicamente a família é situá-la em duas dimensões ou eixos: um eixo espacial ou relacional da organização e estrutura familiar e um eixo temporal da continuidade e história familiar no qual se enquadra o desenvolvimento e o desenrolar da vida familiar (Alarcão, 2000; Alberto, 2005; Fontaine, 1985, 1989; Relvas, 2006).

O desenvolvimento e funcionamento da família são basicamente orientados por alguns objectivos assumidos como importantes no contexto sócio-cultural e histórico a que se reportam e que se



ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA

traduzem em funções primordiais da família: por um lado a função interna, que consiste no desenvolvimento e proteção dos seus membros, e por outro lado, a função externa que consiste na socialização dos membros da família, adequação e transmissão de uma determinada cultura (Alarcão, 2000; Fontaine, 1985; Minuchin & Fishman, 1981; Relvas, 2006).

Embora em constante interação com o meio, a família não depende das influências exteriores, mas possui capacidades organizadoras, decisórias e reguladoras que lhe conferem coerência e consistência no equilíbrio da dinâmica interior-exterior. Citando Relvas (2000), “uma família evolui e transforma-se, os membros que a constituem alteram-se, mas ela não deixa de ser família, *aquela* família” (p. 24).

O construcionismo social ajuda-nos a compreender o funcionamento saudável das famílias ao considerar que as famílias saudáveis possuem sistemas de crenças suficientemente flexíveis para promover a sua adaptação às mudanças que se impõem quer no contexto social envolvente quer ao longo do ciclo vital (Carr, 2006).

Tendo em conta esta descrição, compreende-se que a estabilidade do sistema familiar seja conseguida através de uma sucessão contínua de flutuações, em que a estabilidade e a mudança constituem duas vertentes do mesmo processo. Seguindo esta ordem de ideias, surge-nos a noção de crise que pode ser definida como “a situação de uma pessoa ou de um sistema vivo quando uma mudança se torna inevitável” (Ausloos, 2007, p. 4), ou ainda como “um fenómeno transitivo complexo pelo qual um sistema humano pode passar de um estado estável a outro” (Caillé, 1991, p. 109).

Podemos ainda sublinhar, tal como o faz Ausloos (1983, 2007) que um sistema familiar nunca está organizado ou desorganizado, nunca está estruturado ou desestruturado, nunca é funcional ou disfuncional, nunca está equilibrado ou desequilibrado, mas sim em organização, em estruturação, em funcionamento, em equilibração, evoluindo no tempo.

O CICLO DE VIDA FAMILIAR, O INDIVÍDUO E O CONTEXTO

O ciclo vital pode ser definido como o percurso da família ao longo do tempo, pontuado por uma sequência previsível de acontecimentos que conduzem a transformações na organização familiar (Alarcão, 2000a; Alberto, 2005; Relvas, 2006).. Essas transformações marcam e caracterizam cada uma das etapas desse processo, etapas essas “que parecem ser universais apesar de variações culturais e sub-culturais” (Falicov, 1988, p. 13). Assim, se constitui, ao fim e ao cabo, a história de cada família.

Embora possamos encontrar diferentes categorizações do ciclo vital no que diz respeito ao número de etapas e seus marcadores (Carr, 2006; McGoldrick & Carter, 1989; Nichols & Schwartz, 2006; Relvas, 2006), optámos pela proposta de Relvas (2006), cujas etapas são: 1/ formação do casal; 2/ família com filhos pequenos; 3/ família com filhos na escola; 4/ família com filhos adolescentes; 5/ família com filhos adultos (*empty-nest*).

Como sublinham Nichols e Schwartz (2006), o verdadeiro valor do conceito de ciclo vital não é tanto saber o que é normal ou esperado em cada fase, mas sobretudo reconhecer que as famílias sentem dificuldades e muitas vezes desenvolvem problemas nas transições do ciclo vital.

Situando-nos agora na relação entre o desenvolvimento do indivíduo e o desenvolvimento da família, adoptámos a ideia de que “inserido numa vasta cultura sócio-política, o ciclo de vida individual toma forma à medida que se movimenta e desenrola dentro da matriz do ciclo de vida familiar” (McGoldrick, Heiman & Carter, 1993, p. 405). A compreensão do desenvolvimento individual implica, pois, a sua contextualização quer no contexto familiar quer no contexto cultural. Deste modo, e de acordo com McGoldrick et al. (1993), cada um dos sistemas (individual, familiar ou cultural) deve ser posicionado em relação à dimensão histórica e à dimensão desenvolvimental.



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

Para Nichols e Schwartz (2006) a noção de ciclo vital enriquece a compreensão do desenvolvimento individual na medida que nos permite compreender que as famílias se reorganizam para se acomodarem ao crescimento e à mudança dos seus elementos e que o desenvolvimento ou mudanças em qualquer uma das gerações familiares tem impacto num ou em todos os membros familiares.

A compreensão da relação fundamental entre o desenvolvimento individual, familiar e do contexto envolvente será facilitada e enriquecida se acrescentarmos a noção de co-evolução, tal como foi proposta por Gregory Bateson (1987): “um sistema estocástico de alteração evolucionária em que duas ou mais espécies inter-actuam de maneira a que as alterações na espécie A preparem o caminho para a selecção natural de alterações na espécie B. Por sua vez, as alterações posteriores na espécie B preparam o caminho para a selecção de alterações semelhantes na espécie A” (p. 197). Co-evolução equivale a transformações co-relacionadas, “produto óbvio da interacção e da comunicação na sua vertente pragmática” (Relvas, 2006, p. 16).

4. A FAMÍLIA COM FILHOS ADOLESCENTES

No que respeita ao ciclo vital da família podemos delimitar um ciclo intermédio caracterizado pela presença dos filhos, que começa pelo seu nascimento e vai até à sua saída da casa paterna. Esse período ou ciclo intermédio contém três etapas distintas: família com filhos pequenos, família com filhos na escola e família com filhos adolescentes (Alarcão, 2000; Alberto, 2005; Relvas, 2006).

Em qualquer uma destas etapas as tarefas familiares organizam-se de forma geral em torno do desenvolvimento, protecção, educação e socialização dos filhos, mas têm que se adaptar às especificidades de cada uma destas fases, que se prendem com as características do desenvolvimento da criança ou adolescente e com as necessidades educativas daí decorrentes.

A adolescência é um período do desenvolvimento que se caracteriza por intensas transformações em diferentes dimensões da vida, física, cognitiva, social, emocional. Para poder aceder ao mundo dos adultos o adolescente tem que resolver internamente e externamente as tarefas que se prendem com a modificação da relação com os pais, a modificação da relação com os pares, e a modificação da relação com o corpo e a construção de uma identidade própria (Laufer, 2000; Sampaio, 1996).

Este período tem-se vindo progressivamente a prolongar por influência de factores que se prendem com as sociedades industrializadas, e daí a necessidade de uma moratória psicossocial “durante a qual os jovens adultos através da livre experimentação de papéis podem encontrar um nicho numa na sua sociedade” (Erikson, 1968, p. 156). Assim, a possibilidade de autonomia financeira, de escolha profissional e desenvolvimento da carreira, de relação a dois e constituição da família tem sido adiada, o que nos permite falar de pós-adolescência e até mesmo de adultez emergente.

Para além deste prolongamento, e embora se confunda por vezes com uma última sub-etapa da adolescência, tem vindo a ser definida uma nova etapa do desenvolvimento, a adultez emergente, distinta dos períodos desenvolvimentais da adolescência e da adultez, que decorre entre os 18 e os 25 anos de idade e é marcada predominantemente pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo *auto-focus*, pela vivência do sentimento *in-between* e pela percepção de inúmeras possibilidades (Arnett, 2004).

Actualmente a adolescência enquanto fase da vida tem surgido fortemente valorizada nos discursos co-construídos pelos indivíduos, pelas famílias e pela sociedade, muito embora neste discurso se sublinhem mais frequentemente as possíveis fatalidades do que as emergentes possibilidades inerentes a esta etapa do desenvolvimento. Mesmo antes, e por vezes muito antes, da chegada do indivíduo a esta fase, já se adivinham no discurso de todos as possíveis dificuldades e riscos, numa antecipação que por vezes se constitui uma profecia que se chega mesmo a verificar.



ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA

Famílias, escolas e comunidades constroem um discurso comum em que se salientam as noções de risco, dificuldades, desvios, perigos, que se entrelaçam num significado de adolescência por vezes fatal para todos. Além do mais, a adolescência pode também ser sentida por todos como mais um momento de avaliação do desempenho das famílias e até mesmo da sociedade.

Enquadrado deste processo individual a entrada dos filhos na adolescência assinala a transição da família para uma nova etapa do seu ciclo vital. Se o desenvolvimento adolescencial é, no fundo, um processo de autonomização e de diferenciação fundamentalmente em relação aos pais e à família de origem, então torna-se inevitável a necessidade de uma mudança nas relações dentro do sistema familiar e uma maior abertura/flexibilização das fronteiras deste sistema em relação ao exterior, dada a importância cada vez maior que o contexto social adquire no desenvolvimento do adolescente e consequentemente na vida familiar.

Em relação à etapa anterior do ciclo vital - família com filhos na escola -, a diferença é fundamentalmente qualitativa. Prossegue o movimento de mudança já iniciado com um reforço da diferenciação intra-sistémica e da abertura do sistema ao exterior. Torna-se agora necessário uma maior flexibilização das fronteiras que permita aos adolescentes permanecerem próximos e dependentes quando não conseguem organizar-se sozinhos e que lhes permita experimentar e ser independentes quando se sentem preparados, num "vai-e-vem" entre o interior e o exterior do sistema familiar (McGoldrick & Carter, 1982; Relvas, 2006).

Autores como Minuchin e Fishman (1981), McGoldrick e Carter (1982), Nichols e Schwartz (2006), Sampaio (2006) e Relvas (2006) são unânimes ao considerar que uma das principais mudanças nesta fase do ciclo de vida familiar se situa a nível das relações pais-filhos, em que aspectos como a autonomia, controlo, suporte, autoridade têm que ser renegociados tendo em vista as capacidades, competências e necessidades do adolescente ao longo desta sua fase de desenvolvimento, num processo de autonomização progressiva que constitui a preparação da saída dos filhos do sistema familiar.

Mas, como sublinham Minuchin e Fishman (1981), as crianças não são os únicos membros da família que estão a crescer e a mudar. Nesta etapa da vida familiar torna-se também uma tarefa importante a recentração dos pais na sua vida conjugal e profissional, quer em função dos problemas específicos da meia-idade quer em função de uma redefinição da parentalidade inerente ao processo de separação/individuação dos filhos adolescentes. A autonomia de ambas as partes é assim um movimento recíproco que se insere num processo co-evolutivo.

Outra das tarefas principais desta etapa diz respeito a uma mudança na relação com as gerações mais velhas (pais dos pais), em muitos casos num movimento de reaproximação relacionado com necessidades de suporte e protecção sentidas por estes elementos da família na fase da vida que atravessam (uma outra fase de um outro ciclo vital).

A progressiva autonomização do adolescente na procura de uma identidade própria faz-se através de uma separação em relação à família, primeiro psíquica e só depois física (Fleming, 2005). Ao longo deste processo o adolescente muda a quantidade e a qualidade das suas relações com o sistema extra-familiar, e a família, num movimento de abertura, tem assim que renegociar as suas relações com o contexto.

Neste processo assume particular importância o papel dos amigos e do grupo de iguais. Assiste-se a um jogo de entrada/saída de pessoas e também de valores, normas e interesses transportados pelos filhos e respeitante às experiências vividas na escola, com os amigos e respectivas famílias. Será de salientar a importância e, mesmo, o poder adquirido pelo grupo de iguais, que Minuchin e Fishman (1981) consideram constituir em si próprio uma cultura.

Se uma importante tarefa do sistema familiar consiste em permitir e facilitar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade, essa tarefa deverá ser partilhada com a comunidade, e particularmente com a escola enquanto espaço número dois da luta do adolescente pela sua autonomia, uma vez



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

que a escola não deve ser considerada “só um espaço de aprendizagem escolarizada mas também um importante espaço relacional” (Relvas, 2006, p.179).

É necessário ver o sistema familiar como pertencente a uma rede mais vasta, e ao mesmo tempo ver cada um dos seus elementos como membro de outros sistemas, articulados entre si ou em interface através desses mesmos elementos (Fontaine, 1985). É o caso da escola, em que os filhos são a interface entre o sistema escolar e o familiar.

CONCLUSÕES

Por tudo o que aqui tem sido analisado, podemos compreender que a adolescência é uma etapa da vida que raramente se passa sem convulsões, pois altera os hábitos, as vivências e as representações de si quer nos jovens quer nos seus pais, no contexto familiar alargado e na rede social (Goldbeter-Merinfeld, 2008a, 2008b).

Se a adolescência não diz respeito somente ao indivíduo, mas também ao seu meio e sobretudo à sua família, então poderemos questionar se não fará mesmo mais sentido falar de “famílias adolescentes” em vez de apenas adolescentes.

Assim sendo, a compreensão do adolescente em todo este processo de vida, de mudanças, risos, sofrimentos e por vezes perturbações, só poderá ser atingida se fizermos uma leitura sistémica através da qual possamos ver “a dupla face da lua” (Onnis, Bernardini, Romano & Veglia, 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M. (2002). História de uma escola triste e de um menino perdido... *Psychologica*, 31, 93-109.
- Alarcão, M. (2007). Narrativas e instituições. In L. Fernandes & M. R. d. Santos (Eds.), *Terapia familiar, redes e poética social* (pp. 75-92). Lisboa: Climepsi Editores.
- Alberto, I. (2005). *Relatório da disciplina “Psicologia da família”*. Trabalho realizado no âmbito de provas para Professor Associado. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra.
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Ausloos, G. (1983). Finalités individuelles, finalités familiales: ouvrir des choix. *Thérapie Familiale*, 4(2), 207-219.
- Ausloos, G. (2007). *La crise: Accident ou occasion, une vision systémique*. Disponível em <http://www.sptf.pt/index.php?lg=1&idmenu=26>
- Bateson, G. (1987). *Natureza e espírito: Uma unidade necessária*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Benoit, J.-C., Malarewicz, J.-A., Beaujean, J., Colas, Y., & Kannas, S. (Eds.). (1988). *Dictionnaire clinique des thérapies familiales systémiques*. Paris: Les Éditions ESF.
- Caillé, P. (1991). *Familles et thérapeutes: Lecture systémique d'une interaction*. Paris: Les Éditions ESF.
- Carr, A. (2006). *Family therapy: Concepts, process and practice* (2ª ed.). Chichester, UK: John Wiley & Sons.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (Eds.). (1989). *The changing family life cycle: A framework for family*

**ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA**

- therapy (2ª ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Costa, J. A. (1994). A realidade construída. In J. Gameiro (Ed.), *Quem sai aos seus...* (pp. 89-122). Porto: Edições Afrontamento.
- Durand, D. (1994). *A sistémica*. Lisboa: Dinalivro.
- Elkaïm, M. (1995). Constructivisme, constructionnisme social et narrations: aux limites de la systématique? In M. Elkaïm (Ed.), *Panorama des thérapies familiales* (pp. 505-531). Paris: Éditions du Seuil.
- Elkaïm, M. (1996). Constructivismo, construccionismo social y narraciones: En los límites de la sistémica. *Perspectivas Sistémicas*, 42. Disponível em <http://www.redsistemica.com.ar/>
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Falicov, C. J. (1988a). Family sociology and family therapy contributions to the family development framework: A comparative analysis and thoughts on future trends. In C. J. Falicov (Ed.), *Family transitions: Continuity and change over the life cycle* (pp. 3-51). New York: The Guilford Press.
- Falicov, C. J. (Ed.). (1988b). *Family transitions: Continuity and change over the life cycle*. New York: The Guilford Press.
- Falicov, C. J. (2001). Migración, pérdida ambigua y rituales. *Perspectivas Sistémicas*, 69. Disponível em www.redsistemica.com.ar
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer: Psicologia na adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fontaine, P. J. (1985). Familles saines: 1. Esquisse conceptuelle générale. *Thérapie Familiale*, 6(3), 267-282.
- Fontaine, P. J. (1989). Familles saines. In J.-P. Pourtois (Ed.), *Les thématiques en éducation familiale* (pp. 67-83). Bruxelles: De Boeck-Wesmael.
- Fuster, E. G., & Musitu Ochoa, G. (2000). *Psicología social de la familia*. Barcelona: Paidós Ediciones.
- Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a psiquiatria: Análise epistemológica da psiquiatria contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gameiro, J. (Ed.). (1994). *Quem sai aos seus* Porto: Edições Afrontamento.
- Goldbeter-Merinfeld, E. (2008a). Adolescence: De la crise individuelle à la crise des générations. *Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de pratiques de réseaux*, 40, 13-26.
- Goldbeter-Merinfeld, E. (2008b). L'adolescence en contexte. Introduction. *Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de pratiques de réseaux*, 40, 5-11.
- Gonçalves, M. M., & Gonçalves, Ó. F. (2001). A psicoterapia como construção conversacional. In M. M. Gonçalves & Ó. F. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 7-25). Coimbra: Quarteto Editora.
- Guttman, H. A. (1991). Systems theory, cybernetics, and epistemology. In A. S. Gurman & D. P. Kniskern (Eds.), *Handbook of family therapy* (Vol. 2, pp. 41-62). New York: Brunner/Mazel.
- Laufer, M. (Ed.). (2000). *O adolescente suicida*. Lisboa: Climepsi.
- Marc, E., & Picard, D. (1984). *L'école de Palo Alto*. Paris: Retz.
- McGoldrick, M., & Carter, E. A. (1982). The family life cycle. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (pp. 167-195): The Guilford Press.
- McGoldrick, M., Heiman, M., & Carter, B. (1993). The changing family life cycle: A perspective on normalcy. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (2ª ed., pp. 405-443). New York: The Guilford Press.
- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (1988). Pour une réforme de la pensée. *Cahiers Pédagogiques*, 268, 29-32.



PSICOLOGÍA POSITIVA Y CICLO VITAL

- Morin, E. (1990). *Introduction à la pensée complexe*. Paris: Les Éditions ESF
- Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (1994). *Ciência com consciência*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Morin, E. (1999). *La tête bien faite: Repenser la réforme, réformer la pensée*. Paris: Éditions du Seuil.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2006). *Family therapy: Concepts and methods* (7ª ed.). New York: Gardner Press.
- Onnis, L. (1991). Le renouvellement épistémologique de la thérapie systémique: Influences actuelles sur la théorie et sur la pratique. *Thérapie Familiale*, 12(2), 99-109.
- Onnis, L., Bernardini, M., Romano, C., & Veglia, A. (2008). Le double visage de la lune: La crise de l'adolescence selon une perspective systémique. *Cahiers Critiques de Thérapie Familiale et de Pratiques de Réseaux*, 40, 48-58.
- Relvas, A. P. (1995a). *Relatório da disciplina "Terapias familiares"*. Trabalho realizado no âmbito de provas para Professor Agregado. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra.
- Relvas, A. P. (1995b). *Textos e contextos educativos familiares*. Comunicação apresentada nas IV Jornadas "Educação e Desenvolvimento" organizadas pela Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Beja, Beja.
- Relvas, A. P. (1996). *A relação escola-família: Uma abordagem sistémica*. Conferência apresentada na Universidade da Madeira.
- Relvas, A. P. (2000). *Por detrás do espelho: Da teoria à terapia com a família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P. (2002a). A mulher na família: "Em torno dela". In A. P. Relvas & M. Alarcão (Eds.), *Novas formas de família* (pp. 298-340). Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P. (2002b). A terapia familiar em Portugal: O regresso ao futuro. *Psicologica*(31), 13-24.
- Relvas, A. P. (2003). Intervenção sistémica em Portugal. In S. N. d. Jesus (Ed.), *Psicologia em Portugal: Balanço e perspectivas* (pp. 45-67). Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica* (4ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2001). Era uma vez... quatro terapeutas e uma família. Narrativa de uma terapia familiar. In M. M. Gonçalves & Ó. F. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 265-299). Coimbra: Quarteto.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (Eds.). (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Rodríguez, A. (2001). La familia post-moderna: Distancia y compromiso. *Redes*, 2(18), 103-115. Disponível em http://www.revistaredes.es/im_agenes/pdf/La%120familia%120posmoderna.%120A.%120Rodríguez.pdf
- Rosnay, J. d. (1995). *O macroscópio: Para uma visão global*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.
- Sampaio, D. (1996). *Inventem-se novos pais* (1994 ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar: Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, B. S. (1993). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2008). Sentir-se bem em família: Um desafio frente à diversidade. *Textos & Contextos*, 7(1), 88-97. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/3940/2984>
- Watzlawick, P., Weakland, J., & Fisch, R. (1975). *Changements: Paradoxes et psychothérapie*. Paris: Éditions du Seuil.



ADOLESCÊNCIA: DO INDIVÍDUO À FAMÍLIA

Yatchinovsky, A. (2000). *L'approche systémique: Pour gérer l'incertitude et la complexité* (2^a ed.). Paris: Les Éditions ESF.

Fecha de recepción: 24 de enero de 2010

Fecha de admisión: 19 de marzo de 2010